

## **HOMEM, MUNDO E CUIDADO NA ANALÍTICA EXISTENCIAL DE SER E TEMPO.**

Patrícia de Sousa Moreira  
Faculdade de Educação – UFG  
raimarce@gmail.com

Eixo Temático 7: Fenomenologia e existência

### **RESUMO**

Este texto faz parte de um projeto de pesquisa intitulado: “*A condição humana na perspectiva fenomenológico-existencial-novo sentido para o ato de educar e novas alternativas para o exercício da docência*”, e objetiva, particularmente, analisar e interpretar alguns conceitos básicos da analítica existencial de *Ser e Tempo*, dando ênfase às noções de homem, mundo e cuidado. Nosso ponto de partida neste texto será os novos significados das noções de homem, mundo e cuidado no âmbito da obra *Ser e Tempo* (1927) do pensador alemão Martin Heidegger (1889-1976). A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, a análise e a interpretação de textos, tendo como referência basilaro livro *Ser e tempo* (1927).

**Palavras-chave:** Homem, mundo e cuidado.

### **INTRODUÇÃO**

Para entendermos melhor a filosofia de Martin Heidegger, temos de voltar um pouco ao contexto sócio histórico. Em 1927, ano em que Heidegger publica a obra *Ser e Tempo*, a Alemanha atravessava um momento extremamente obscuro. A Alemanha pós-primeira guerra mundial, vencida e não destruída, sentia as convulsões que avassalavam a Europa, no início do século, estavam a exigira busca e a invenção de novas formas de relações entre o homem seu meio natural e social. Contamina-se a filosofia por uma nova maneira de pensar e agir. A busca por uma nova maneira de pensar e agir traz dois ideais fundamentais que haviam movimentado o século XIX, a saber, primeiro: o saber científico, único em sua essência, precisava assegurar, através de um progresso contínuo e infalível, o domínio do homem sobre a Natureza e sobre o mundo humano; segundo: a razão deve dominar ou exercer sua hegemonia sobre o restante das esferas da vida humana. Mediante o saber acreditava-se que os homens marchariam para a construção de um mundo racional; então a grande massa de sofrimentos, guerras, horrores e atrocidades acumuladas ao longo da história humana adquiririam um sentido: elas seriam as convulsões e dores próprias do parto de uma nova era.

De acordo Ferreira (2011), o pensamento de Heidegger não pode ser considerado mera expressão do caos social e intelectual que assolava a Europa no final do século XIX e início do século XX; todavia, a situação de caos social e intelectual que assolou a Europa ajuda a compreender a enorme repercussão da filosofia de Heidegger, embora de maneira

distorcida, principalmente entre os jovens, à proporção que se dava relevância a certos aspectos existencialistas do pensamento heideggeriano, ao contrário daquilo que realmente norteou esse pensamento: *a questão do sentido e da verdade do Ser nos limites do tempo...*, ou seja, a constituição de uma ontologia fundamental. A humanidade procura pensar, sob nova luz, o destino humano, o sentido da história e da própria vida nessa atmosfera de crise intelectual, moral e religiosa.

#### AS NOÇÕES DE HOMEM, MUNDO E CUIDADO EM SER E TEMPO.

A divisão dos conceitos de homem, mundo e cuidado neste texto é só para melhor compreensão, pois ao estudar a obra *Ser e Tempo*, é sabido que esses tais elementos são constitutivos do Dasein e por esse motivo são indissociáveis.

#### Homem

Para o ente humano, ser é sair de si (existere). Heidegger apropria-se do conceito de intencionalidade da consciência na fenomenologia husserliana, transportando-o para o plano da existência. O ente humano é transcendentalmente abertura para o outro, para aquilo que ele ainda não é. Ser homem é ex-sistir, ser para mim mesmo ao sair de mim mesmo. Um homem descobre a si pelos seus atos, seus pensamentos, seus projetos e seus fracassos, ou por outras palavras, o homem faz a si por todos esses modos de mostrar aquilo com que ele não se identifica.

Um dos pensamentos fundamentais de Heidegger é que o ser do homem é sua existência. Tal pensamento implica em definir o homem por sua finitude mesma, finitude esta que jamais será entendida em relação a uma possível infinitude.

Segundo Heidegger (2011), não há possibilidade de o homem exercer sua transcendência fora dos limites de sua finitude radical, enquanto ser-para-morte. Falar que o homem necessariamente existe, não significa afirmar que ele é um ser necessário, mas que ele é um ente radicalmente finito. O homem é o único ente para o qual sua finitude, seu ser-no-mundo, sua morte, tem algum sentido. É necessário observar que ao mesmo tempo que sua abertura e compreensão de seu próprio ser e do ser em geral, o homem é também uma coisa imersa entre outras, o homem é um ente particular entre outros, que capta o mundo numa dada situação e perspectiva. O homem é uma abertura para um mundo circundante onde está realmente aí. O homem em seus atos em seus interesses, e em seus pensamentos, o ser-aí que é o homem traça em tudo uma

radical e nova diferenciação. O homem com ser-aí, aberto no e para o mundo, é antes de tudo compreensão de si mesmo.

O homem só compreende a si mesmo e as coisas a sua volta numa determinada perspectiva, dentro de determinado campo de sentido. Apesar de o homem ser uma presença que eclode, uma abertura para a manifestação do Ser, ele sempre está situado numa determinada circunstância, num mundo já aprovado de possibilidades já dadas.

### Mundo

Descartes interpretou o ser do *ser-aí* segundo o registro interpretativo do ente intramundano e esta interpretação fecha o acesso ao *ser-aí* em seu caráter de ser especificamente existencial. *Ser-aí* não é, pois, um sujeito substancial, um *res cogitans* cuja essência é a razão.

A afirmação de um mundo exterior, ou seja, de uma realidade externa, pressupõe de início, um sujeito desmundanizado, precisando assegurar-se de um mundo. Por isso, para Heidegger, questões como provar a existência do mundo externo, como realidade exterior a uma interioridade ou mesmo pressupor essa realidade, sem que se esclareça ontologicamente o real, a realidade e o fenômeno do mundo implica sempre um sujeito desmundanizado, simplesmente dado, ao modo do sujeito cartesiano, isto é, um sujeito interiorizado, que se assegura do mundo como algo exterior a independente dele. Em Ser e Tempo, para Heidegger não há um sujeito em contraposição ao mundo. A concepção de homem como *res cogitans* e de mundo como *res extensa* desagrega o fenômeno do ser-no-mundo, e o que permanece é um sujeito isolado e cindido em sua relação com o mundo reduzido à condição de extensão submetida ou movimento.

O pensamento cartesiano objetifica o ser ao explicar o que é o ente a partir de suas propriedades entitativas. A crítica de Heidegger ao *ego cogito*, não se reduz à sua destruição ôntica, mas tem como intuito liberar ao ego a sua dignidade ontológica e pôr em questão o seu modo de ser. Para Heidegger, Descartes teria negligenciado os modos de ser do sujeito tomando-os como puro pensamento. Heidegger ao colocar em questão a noção de mundo cartesiano, pretende questionar os pressupostos da metafísica cartesiana a luz das conquistas da analítica existencial de Ser e Tempo. O fato é que as interpretações do mundo anteriores e posteriores a Descartes não discutiram o fundamento ontológico em que se baseavam, ou seja, para Heidegger toda a cultural ocidental esqueceu-se do ser e foi um pensamento do ente.

Acrítica à ontologia do mundo cartesiano só poderá alcançar sua legitimidade filosófica no momento em que a analítica do *Dasein* tornar transparentes os modos de ser do *Dasein* e o fenômeno da mundanidade do mundo, compreendendo de modo originário tanto a manualidade quanto o ente simplesmente dado. Essas análises críticas acerca da ontologia do mundo cartesiano tiveram por objetivo compreender que o ponto de partida das coisas do mundo, bem como a orientação pelo conhecimento pretensamente mais rigoroso desse ente não asseguram o solo sobre o qual se poderá encontrar fenomenalmente as constituições ontológicas imediatas do mundo, do *Dasein* e dos entes intramundanos.

“O *Dasein* não é nem um objeto no meio do mundo, nem um sujeito sem mundo, mas ele “é” seu mundo, muna familiaridade original que funda toda relação posterior de sujeito a objeto e todo conhecimento, relata Dartigues (2005)”.

Em *Ser e Tempo* Heidegger (2011) nos informa que para entendermos o mundo fenomenológico nós precisamos descrever os entes que nele habitam. Daí Heidegger nos apresenta quatro conceitos de mundo que são:

1. Mundo é usado como um conceito ôntico, significando, assim, totalidade dos entes que se podem simplesmente dar dentro do mundo.
2. Mundo funciona como termo ontológico e significa o ser dos entes mencionados no item 1. “Mundo” pode denominar o âmbito que sempre abarca uma multiplicidade de entes, como ocorre, por exemplo, na expressão “mundo” usada pelos matemáticos, que designa o âmbito dos objetos possíveis da matemática.
3. Mundo pode ser novamente entendido em sentido ôntico. Nesse caso, é o contexto “*em que*” uma presença fática “vive” como presença, e não o ente que a presença em sua essência não é, mas um significado pré-ontologicamente existenciário. Deste sentido, resultam diversas possibilidades: mundo ora indica o mundo “público” do nós, ora o mundo circundante mais próximo (doméstico) e “próprio”.
4. Mundo designa, por fim, o conceito existencial-ontológico da *mundanidade*. A própria mundanidade pode modificar-se e transformar-se, cada vez, no conjunto de estruturas de “mundos” particulares, embora inclua em si o *a priori* da mundanidade em geral. Terminologicamente, tomamos a expressão mundo para designar o sentido fixado no item 3. Quando, por vezes, for usada no sentido mencionado no item 2, marcaremos este sentido, colocando a palavra entre aspas, “mundo”.(HEIDEGGER,2011,p.112).

O mundo não seria nada além das possibilidades de ser dos entes que vêm ao encontro do *Dasein* em sua cotidianidade e, portanto, mundo diz respeito às possibilidades de ser do próprio *Dasein* (*Ser-ai*). Desse modo, Heidegger caminha no sentido da superação da tradição metafísica ao propor um conceito de mundo como fenômeno dinâmico, que se atualiza nas relações instauradas

junto à existência humana, isto é, ao abandonar a concepção de mundo como substância (*res extensa* = objeto) que se contrapõe ao homem (sujeito), evidenciando o mundo na sua relação de co-pertenciamento com o *ser-aí* humano, o filósofo dispensa a necessidade de um suporte metafísico que regulamente tal relação.

Em *Ser e Tempo* (2011) é relatada as análises de Heidegger no que se refere ao *Dasein* como um ser de possibilidades. A constituição ontológica fundamental do *Ser-aí* é ser-no-mundo, não de refere apenas a um corpo que ocupa um lugar no espaço, ou em outras palavras, da mesma forma que não há mundo sem existência humana, nem existência humana sem mundo, uma vez que o humano só existe e se faz ser enquanto uma existência no mundo, nos limites de sua finitude.

### A Cura

O *cuidado* leva a uma série de ocupações e preocupações do *ser-aí*, no exercício de sua existência, e marca sua finitude como ser-para-morte. Em virtude de o *ser-aí* sempre se ocupar com as coisas e se preocupar com as pessoas, o cuidado é algo constitutivo da existência humana; então, o cuidado é uma estrutura ontológica muito importante na conservação da existência humana e de todo o tipo de vida. Heidegger, em *Ser e tempo*, remete à fábula/mito de Hígino, que trata do sentido do cuidado para com a vida humana.

Certa vez, atravessando um rio, Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a dar-lhe forma. A cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a Cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (*tellus*) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer a Cura enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve chamar-se Homo, pois foi feito de húmus”. (HEIDEGGER, 2011, p.266).

Na palavra cuidado (cura) há dois dignificados básicos e ligado entre si, tendo o primeiro a significado e sentido de desvelado, solicitude, diligência, zelo, atenção; o segundo o significado de preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade.

Frente à interpretação ôntica, a interpretação ontológico-existencial não é uma espécie de generalização ôntico-teórica. Isso diria simplesmente: do ponto de vista ôntico, todos os comportamentos e atitudes do homem são “dotado de um acurar” e guiados por uma “dedicação”. A “generalização” é de ordem *ontológicae a priori*. Ela não significa propriedades ônticas que constantemente aparecem, e sim a constituição de ser sempre subjacente. Só isso torna ontologicamente possível que esse ente possa ser onticamente referido como cura. A condição existencial de possibilidade de “uma preocupação com a

vida” e “dedicação” deve ser concebida como cura num sentido originário, ou seja, ontológico.(HEIDEGGER, 2011, p.267).

O cuidado, segundo um princípio anterior é intrínseco ao ser humano: é a força originária continuamente faz emergir do ser humano. O ser humano seria uma porção de argila, sem o cuidado. É necessário o cuidado com todas as coisas existentes no planeta: com o outro, com a natureza, com os animais etc. Por fim, o cuidado é entendido como a essência do existir humano.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever este texto, chegamos a algumas constatações sobre a existência humana, tais como: a existência humana não é um eu encapsulado em um corpo, mas um ser-aí (Dasein), cuja constituição ontológica fundamental é o ser-no-mundo. E ser-no-mundo é ser cuidado, o que significa que o homem é um ser originariamente ocupado com as coisas e preocupado com as pessoas. Embora antes de tudo, e na maioria das vezes, essas ocupações e preocupações aconteçam de forma deficiente na existência cotidiana. Na realidade, a estrutura unificante do Cuidado marca a finitude radical do existente humano enquanto ser-para-morte. E somente poderemos dar o salto da inautenticidade para a existência autêntica, assumindo nossa finitude radical.

### REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DARTIGUES, André. **Que é Fenomenologia?** Trad. Maria José G. A. -9 ed. São Paulo: Centauro, 2005.

FERREIRA JR, W.J. **Introdução ao pensamento de Martin.** Curso de 12 horas/aulas oferecido no Curso de Extensão – Fenomenologia, ciências e formação humana do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia. Goiânia, 2011

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** 5ª ed. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2011.